

26 AGO 1986

# Quarentena à Vista

Saúde

NA área da prevenção, a política brasileira de saúde tem-se materializado quase exclusivamente sob a forma de campanhas. A preferência por esse método é seguro indício de ausência de planos e descontinuidade da ação. Campanhas em geral são tapa-buracos. Em situações que se deterioram, são peneiras com que se tenta tapar o próprio sol.

Estão esgotadas as possibilidades das campanhas de saúde. A mais recente jornada nacional de vacinação antipólio foi um fracasso. Não imunizou metade da população prevista. Porta-vozes do Ministério da Saúde tentaram justificar esse mau resultado com empecilhos circunstanciais, aqui uma chuva, ali uma greve.

Fatos assim não bastam, entretanto, para explicar a diferença entre campanhas que no passado alcançaram 95% dos objetivos e os melancólicos 44% apurados em relação a de poucos dias atrás. O que as estatísticas vêm sugerindo, há três anos, é uma contínua desarticulação e perda de eficiência do sistema de saúde.

O êxito das primeiras campanhas antipólio deveu-se à mobilização da sociedade, inclusive para colaborar nos trabalhos de vacinação. Não se tendo contraposto um esforço de esclarecimento à ilusão de que a doença estava erradicada, a população desmo-

bilizou-se e as campanhas caíram na dependência exclusiva da burocracia, incompetente para consolidar ou mesmo manter o que já fora alcançado.

Não por acaso foi no Nordeste onde primeiro se perdeu o ímpeto da vacinação. Lá se acha a máquina burocrática mais conforme à velha imagem do cabide de emprego. Os serviços de saúde regurgitam de apadrinhados e fantasmas, dos quais não é realista esperar que compareçam ao trabalho nos dias de vacinação em massa.

Há dois anos já se constatava que em certos estados daquela região o número de vacinas aplicadas havia caído para cerca da metade. O descabro registrou-se agora no Piauí, onde só 7% das crianças receberam sua dose de vacina. Não é por acaso, também, que a poliomielite está voltando com a força dos surtos ao Nordeste.

O sistema público de saúde nunca chegou a ser satisfatório neste país, onde se alguma vez funcionou foi graças ao entusiasmo e a determinação de setores isolados. Mas neste momento não é difícil constatar que, voltado preferencialmente para os interesses dos seus integrantes, está em queda livre. Se não houver pressão em reformá-lo, qualquer dia será forçoso declarar a quarentena nacional.